

Entrevista a Alberto Pitorra

GD: De que gosta muito?

De ir dormir de consciência tranquila, de modo a não ter nada que me possa perturbar o sono.

GD: O que detesta ou o que o irrita muito?

Injustiças, e alguns comportamentos que fogem do padrão que considero aceitável.

GD: Vê o avançar da idade como um passo a mais ou um passo a menos?

Vejo-o inequivocamente como um passo a menos; gosto imenso de viver, e trocava muitas das coisas que a idade nos traz por uns bons anos menos de calendário.

GD: Como é uma vida familiar passada em casa com 4 mulheres □?

Simplesmente fantástica! Tento ser sempre consensual nas divergências, embora, como o refere a música dos Quatro e Meia, por vezes é difícil «a ciência de entender como pensa uma mulher...» □

GD: As suas 3 filhas cresceram numa época em que o desporto feminino tem vindo a ganhar relevância no nosso País. Nenhuma delas se interessou pela modalidade do hóquei em patins?

Na realidade, as minhas filhas, que têm actualmente 23, 25 e 28 anos, não tiveram oportunidade de vivenciar de perto esta modalidade, pois quando nasceram eu já não a praticava – talvez este possa ter sido o factor principal que as levou a praticar outras actividades.

GD: Quem é o seu ídolo?

Não tenho ídolos, por assim dizer: admiro algumas personalidades pelos seus comportamentos, pelo seu modo de estar na vida, e pelas decisões que tomaram.

GD: A sorte somos nós que a fazemos?

Também.

GD: Viveu todas as fusões de uma forma muito próxima. Alguma vez teve intervenção em projectos relacionados com Luanda e Maputo?

Sim, muitos mesmo, quer nas antigas sucursais do Banco de Fomento Exterior nestas duas cidades, quer depois no BFA após a sucursal de Luanda se ter transformado em banco. Poderei dizer que no período entre 1998 e 2013, fiz a Angola e Moçambique mais de 20 viagens, de que guardo excelentes recordações, quer dos trabalhos realizados, quer dos colegas e consultores com quem trabalhei nos diferentes projectos.

GD: O que é que gostava que durasse sempre?

A felicidade.

GD: E o que é um dia perfeito?

Um dia que termine com a sensação de que este dia foi um dos melhores já vividos.

GD: Se atribuíssemos apenas uma parte do dia para o acto de meditar, qual seria o período por si escolhido?

Imediatamente antes de dormir ou logo depois de acordar?

Sem dúvida antes de dormir.

GD: Qual era a figura pública que gostava de convidar para jantar?

Muito difícil esta pergunta... talvez o César Mourão, pelo seu humor fácil e espontâneo, e pela boa-disposição permanente que transmite, seria sem sombra de dúvida um jantar divertido.

GD: Dos vários clubes que representou, algum o marcou de forma mais significativa?

Sem dúvida o Grupo Desportivo de Sesimbra, onde passei muitas horas da minha infância e juventude, onde aprendi muita coisa que a escola não ensina, valências estas que reconheço me moldaram em parte como ser humano, e que mais tarde percebi que me foram muito úteis em algumas situações de vida.

Não posso ainda deixar de referir que foi aqui que fiz muitas das amizades que ficaram para a vida.

GD: Na vida, qual é mesmo a regra do jogo?

Viver todos os dias o melhor que conseguirmos, tentando sempre ajustar as velas, quando não podemos mudar o vento.

GD: É homem para verter duas lágrimas ao ver um filme que o emocione?

Sim, mesmo muitas vezes, reconheço que não é difícil isso acontecer.

GD: Um dos grandes prazeres da leitura é que uma viagem literária consegue levar-nos a todo o lado, sem que saíamos do mesmo lugar. Qual é a sua viagem de sonho?

Viver a experiência de passar o período do Carnaval no Rio de Janeiro.

GD: Tem ideia de um bom conselho que alguém lhe tenha dado?

Não consigo identificar um que se destaque claramente dos muitos conselhos que me foram transmitidos.

GD: Dos vários jogos internacionais que teve oportunidade de fazer, há algum que recorde com mais emoção?

Sim, não pela componente desportiva em si, mas por toda a envolvente que aconteceu nos diferentes jogos.

Aconteceu num torneio internacional de Luanda em 1986 (quando ainda havia guerra civil em Angola), também porque tinha apenas 20 anos e a realidade de África – e particularmente de Angola (que não conhecia) – era em todos os aspectos muito diferente do que estava habituado na Europa. Em resumo, foi viver uma realidade completamente nova com muitas coisas que eu pensaria não existirem, e que me marcaram bastante na altura.

GD: Qual era a pegada que gostava de deixar para as gerações vindouras?

Gostaria de poder contribuir decisivamente para que os factores de sustentabilidade económica e climática não se tornassem em problemas de grande dimensão para estas novas gerações.

GD: Considera-se uma pessoa metódica e organizada?

A profissão que escolhi obriga-me de alguma forma a ter sempre presente essas duas necessidades, e que de modo natural passam depois para o outro lado da vida.

GD: Ainda se lembra do primeiro dia de trabalho no Banco BPI?

Tenho bem mais presente o primeiro dia de trabalho no ex-BES, onde iniciei a vida profissional; o primeiro dia de trabalho no BPI (que até foi no Ex-BFE) foi apenas uma sequência natural.

GD: Nos últimos anos a arbitragem tem sido muito criticada, também na modalidade do hóquei em patins. Será que algum dia os dirigentes vão ter sossego na altura das grandes decisões?

Gostaria imenso de poder responder que sim, mas penso sinceramente que dificilmente irá acontecer.

A função de ajuizar é por si só extremamente difícil de desempenhar, agravado pelo facto de o hóquei ser uma modalidade com algumas regras complexas de analisar e decidir – e muitas vezes em poucos segundos –; também a dinâmica e a velocidade com que é jogado não ajuda.

Todas estas situações fazem que a arbitragem, em minha opinião, seja apenas para gente com coragem e espírito de missão, o que é sempre de louvar e de ter em linha de conta quando se critica quando nos sentimos prejudicados.

GD: Se alguém lhe desse o privilégio de obter resposta para uma qualquer pergunta, o que é que gostava de perguntar?

Perguntaria se existe um outro tipo de vida, para além da morte física.

GD: Tem a camisola de algum jogador que admire particularmente?

Não, no entanto obtive uma réplica original da camisola do Ângelo Girão (Sporting) quando representou a Selecção Nacional no Campeonato do Mundo de 2019 ganho por Portugal, com o objectivo de a oferecer à minha filha Maria, que é sportinguista ferrenha, e que muitas vezes assiste aos jogos em Alvalade.

GD: Porque é que o hóquei em patins não consegue entrar nos Jogos Olímpicos? O que é que correu mal em 1992?

Penso que a razão principal será o facto de o hóquei em patins ser uma modalidade praticada apenas por um reduzido número de países, e onde não constam as grandes potências mundiais.

GD: Onde é que gostava de estar daqui a 10 anos?

Ambiciono estar a viver uma reforma tranquila, e a usufruir na plenitude dos prazeres que essa fase da vida nos pode proporcionar.

GD: Salta da cama, ou é mais de fazer um bocadinho de ronha?

Quase sempre me levanto cedo, incluindo fins-de-semana – penso que posso considerar como resposta: «salta da cama».

GD: Acorda bem-disposto, ou só depois das 10.00h?

O facto de dormir habitualmente bem, embora pouco para o número de horas que é recomendado, também me permite que acorde por norma bem-disposto.

GD: O que é que a idade nos oferece?

Resolver ou desconstruir as situações difíceis de um modo mais rápido e eficaz, gerir melhor as expectativas, e poder olhar a vida de ângulos distintos.

GD: E o que é que ela nos tira?

Tira-nos principalmente disponibilidade física e por vezes mental para obter certas performances que já tivemos.

GD: Olhando para trás, qual a sua maior conquista?

Ter conseguido que as minhas filhas concluíssem a sua formação académica em entidades de ensino reconhecidas.

GD: É mais de olhar para a árvore ou para a floresta?

Depende da necessidade da utilização do ângulo de visão, mas muito mais vezes para a floresta.

GD: Acredita no destino ou apenas na capacidade de mudar?

Acredito em que a capacidade de mudar tem muito maior influência na vida de cada um, mas já vivi situações concretas que me levam a acreditar em que o destino possa também andar por aí...

GD: Tem saudades de quê?

Da infância fantástica que vivi, e de quando as minhas filhas eram crianças, tempo que passou demasiadamente rápido.

GD: O que queria ser quando era menino?

Não me recordo de nada muito forte, talvez um desportista reconhecido internacionalmente.

GD: O que quer ser quando for velho?

Quero ser sempre útil para a família, e se possível também para a sociedade.

GD: Se os seus dias tivessem 26 horas, como acha que preencheria as outras duas?

Porque normalmente consigo ajustar a minha agenda para fazer o que perspectivei para determinado período, penso que com mais 2 horas diárias o resultado não seria substancialmente diferente.

GD: E hoje, quem queria ser?

A mesma pessoa, embora com a afinação de algumas características de comportamento, e ajustes em algumas decisões tomadas, cujos diagnósticos foram feitos tardiamente.

GD: Em criança, um dos desejos mais idiotas que nos ocorre é o de querermos que rapidamente chegue a idade que permita sermos tratados como adultos. Este também fez parte dos seus?

Curiosamente, não, com a excepção de ter de atingir a maioridade para poder obter a carta de condução.

GD: Aos 57 anos, o que é que se sabe que não se sabe?

Felizmente existem muitas coisas que ainda não sabemos, mesmo que já tenhamos vivido bastante. A realidade demonstra-nos que aprendemos sempre algo mais a cada dia.

GD: Quando se reformou do hóquei, abraçou o ténis. Quando se reformar do ténis qual é o desporto que vai praticar?

Vou tentar praticar até ter condições físicas que o permitam, depois talvez me dedique com uma maior regularidade aos jogos de tabuleiro e de cartas, actividades que me dão algum prazer desfrutar em família ou com amigos.

GD: Quem é o seu maior fã?

Enquanto desportista sénior, presumo que alguns dos miúdos que jogavam nas camadas jovens do Clube me pudessem ver como um exemplo interessante a seguir. Actualmente não sei, mas apostaria com elevado grau de certeza nas minhas 3 filhas.

GD: Fale-me de alguns pequenos prazeres.

Umas tapas e um bom vinho no final de um dia de praia, ou mesmo, na habitual rotina diária, o banho matinal, seguido do pequeno-almoço.

GD: Qual foi o pavilhão com o ambiente mais hostil que encontrou?
No meu tempo de jogador, talvez Valongo e Carvalhos fossem diferentes nesse aspecto.

GD: Considera que é uma pessoa feliz?
Sim, sem dúvida.

GD: O que precisaria para se sentir ainda mais feliz?
Que Portugal como país pudesse ter um modelo social e organizacional aproximado ao dos países nórdicos, em que a carga fiscal pudesse estar ajustada em função da qualidade dos serviços públicos que nos são disponibilizados.

GD: No fim da nossa viagem por aqui, o que é que conseguimos levar?
Conseguimos sempre levar algo mais do que quando começámos. No entanto, as suas dimensão e importância estarão sempre relacionadas com as expectativas que tínhamos à partida.

GD: Quando recebeu o convite para vice-presidente da Federação de Patinagem de Portugal, teve de ponderar bastante ou foi uma decisão fácil?
Por um lado, fácil, porque sempre quis retribuir de alguma forma tudo aquilo que o hóquei me proporcionou, e também porque quem me convidou é meu amigo de infância – jogámos juntos muitos anos –, e quando existe essa relação, é bastante difícil dizer que não duas vezes. Por outro, difícil, porque além do tempo que retiras à tua vida familiar, “ganhas” um conjunto de problemas inerentes à gestão natural de uma federação desportiva que organiza campeonatos, alguns deles de alta competição, e que tem uma grande visibilidade e mediaticidade.

GD: Obviamente é um homem de desafios e de projectos. A pergunta que se impõe, é: «Qual é o próximo?»
As funções que desempenho actualmente quer no Banco BPI quer na Federação não me permitem pensar de momento em algo mais ou em algo diferente. Gostaria, no entanto, de um dia poder contribuir e de participar de forma directa para o engrandecimento da minha terra.

GD: O que é que Sesimbra tem que não encontra em mais nenhum local?
Tantas coisas... muitas delas do conhecimento público, como um clima e uma praia fantásticos, um enquadramento paisagístico de cortar a respiração, a facilidade de encontrar óptimo peixe e marisco, e outras, mais difíceis de descrever... aquelas que só mesmo sentindo!

GD: Qual a sua opinião sobre este tipo de conversas, ou sobre esta rubrica do Grupo Desportivo?
Penso que permitem que os colegas que as lêem conheçam um pouco mais de alguém com quem já falaram algumas vezes, embora quase sempre em determinado contexto de trabalho.

GD: Qual foi a pergunta que ficou por fazer?
Por que motivo fiz toda a carreira profissional na banca? □

Curtas e Rápidas

GD: Teatro ou cinema?
Cinema

GD: Prosa ou verso?
Prosa

GD: Hóquei ou ténis?
Hóquei como espectador atento e pela ligação profunda à modalidade, e ténis pelo prazer de ainda o poder praticar.

GD: Beijo ou abraço?
Depende do contexto e do momento.

GD: O melhor jogador de hóquei que viu jogar?
Só podendo escolher um, sem dúvida António Livramento.

GD: Manhã ou tarde?
Não tenho uma preferência acentuada.

GD: Séries ou filmes?
Filmes

GD: 25 de Abril
Um dia muito importante para a minha geração.

GD: O filme mais... mais... mais...?

Tenho de escolher obrigatoriamente 2 que me marcaram, e de que ainda hoje consigo relembrar algumas cenas: Oficial e Cavaleiro, estreado em 1982, e o primeiro Top Gun, em 1986, ambos pelos temas que o argumento utilizou, e que fizeram sonhar bastante a juventude da época.

GD: Grupo Desportivo BPI?

Definindo-o numa só palavra, defini-lo-ia como agregador. Considero também que desempenha um trabalho necessário numa entidade desta dimensão.

Por Rui Duque, 28-02-2024